

# A Fé Explicada

## CAPÍTULO II

### Deus e as suas perfeições

#### Quem é Deus?

Certa vez, li que um catequista pretendia ter perdido a fé quando uma criança lhe perguntou: “Quem fez Deus?”, e ele percebeu subitamente que não tinha resposta para lhe dar. Custa-me crer nisso, porque alguém com inteligência suficiente para ensinar numa catequese teria que saber que a resposta é: “Ninguém”.

A principal prova da existência de Deus está em que nada sucede a não ser que alguma coisa o cause. Os biscoitos não desaparecem do vasilhame a não ser que os dedos de alguém os levem. Uma noqueira não brota do solo sem antes cair ali uma noz. Os filósofos enunciam este princípio dizendo que cada “efeito deve ter uma causa”.

Assim, se recuarmos até as origens da evolução do universo físico (dois bilhões de anos, ou quatro, ou vinte, ou o que os cientistas quiserem), chegaremos por fim a um ponto em que precisaremos perguntar: “Ótimo, mas quem o pôs em movimento? Alguém teve que fazê-lo, ou não haveria universo. Do nada, nada vem”. Os bebês vêm de seus pais e as flores vêm das sementes, mas tem que haver um ponto de partida. Há de haver alguém não feito por outro, há de haver alguém que tenha existido *sempre*, alguém que não teve começo. Há de haver alguém com poder e inteligência sem limites, cuja própria *natureza* seja existir.

Esse alguém existe e esse Alguém é exatamente Aquele a quem chamamos Deus. Deus é aquele que existe por natureza própria. A única descrição exata que podemos dar de Deus é dizer que é “Aquele que é”. Por isso, a resposta ao menino perguntador seria simplesmente: “Ninguém fez Deus. Deus existiu sempre e sempre existirá”.

Expressamos o conceito de Deus como *origem* de todos os seres, acima e além de tudo o que existe, dizendo que Ele é o Ser Supremo. Dai resulta que não pode haver senão *um* Deus. Falar de dois (ou mais) seres supremos seria uma contradição. A própria palavra “supremo” significa “acima dos demais”. Se houvesse dois deuses igualmente poderosos, um ao lado do outro, nenhum deles seria supremo. Nenhum teria o infinito poder que Deus deve ter por natureza. O “infinito” poder de um anularia o infinito poder do outro. Cada um seria limitado pelo outro. Como diz Santo Atanásio: “Falar de vários deuses igualmente onipotentes é falar de vários deuses igualmente impotentes”.

O Catecismo diz-nos a este respeito: A confissão da Unicidade de Deus, que tem sua raiz na Revelação Divina da Antiga Aliança, é inseparável da confissão da existência de Deus, e igualmente fundamental. Deus é único, só existe um Deus. "A fe cristã confessa que há Um só Deus, por natureza, por substância e por essência" (Cat. Rom. 1, 2, 2) (n. 200).

Há um só Deus, que é *Espírito*. Para entendê-lo, precisamos saber que os filósofos distinguem duas espécies de substâncias: as espirituais e as físicas. Substância física é a que é feita de partes. O ar que respiramos, por exemplo, é composto de nitrogênio e oxigênio; estes, por sua vez, de moléculas, e as moléculas, de átomos, de neutrons e prótons e elétrons. Cada pequeno fragmento do universo material é feito de substâncias físicas. Essas substâncias trazem em si os elementos da sua própria destruição, já que as suas partes podem separar-se por corrupção ou destruição.

Pelo contrário, uma substância espiritual não tem partes. Não tem nada que possa quebrar-se, corromper-se, separar-se ou dividir-se. Isto se expressa em filosofia dizendo que uma substância espiritual é uma substância *simples*. Esta é a razão pela qual as substâncias espirituais são imortais: a não ser por um ato direto de Deus, jamais deixarão de existir.

Conhecemos três espécies de substâncias espirituais. Em primeiro lugar, a do próprio Deus, que é Espírito infinitamente perfeito. Depois, a dos anjos e, por último, a das almas humanas. Nos três casos há uma inteligência que não depende de nenhuma substância *física* para atuar. É verdade que, nesta vida, a nossa alma está unida a um corpo físico e que depende dele para as suas atividades. Mas não é uma dependência *absoluta* e permanente. Quando se separa do corpo pela morte, a alma continua a atuar. Continua a conhecer, a querer e a amar, até mais livremente do que nesta vida mortal.

"A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O relato bíblico exprime esta realidade com uma linguagem simbólica, ao afirmar que: "O Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7)" (n. 362).

Se queremos imaginar como é um espírito (tarefa difícil, pois "imaginar" significa compor uma imagem, e aqui não há imagem que possamos formar), se queremos fazer uma ideia do que é um espírito, devemos pensar como seríamos se o nosso corpo se evaporasse subitamente. Ainda conservaríamos todo o conhecimento que possuímos, todos os nossos afetos. Ainda seríamos um "eu", mas sem corpo. Seríamos, pois, espírito.

Se "espíritos" é uma palavra difícil de compreender, *infinito* o é ainda mais. "Infinito" significa "não finito" e, por sua vez, "finito" quer dizer "limitado". Uma

coisa é limitada quando tem um limite ou capacidade que não pode ultrapassar. Todo o criado é finito de algum modo: a água que o Oceano Pacífico pode conter tem limites, a energia do átomo de hidrogênio tem limites, a própria santidade da Virgem Maria tem limites. Mas em Deus *não há limites de nenhum gênero*, Deus não está limitado em nenhum sentido.

O Catecismo da Igreja Católica diz-nos que Deus é “infinitamente perfeito” (n. 48), o que significa que não há nada de bom, apetecível e valioso que não se encontre em Deus, em grau absolutamente ilimitado. Talvez o expressemos melhor se invertermos a frase e dissermos que nada há de bom, apetecível ou valioso no universo que não seja reflexo (uma pequena faísca, poderíamos dizer) dessa mesma qualidade segundo existe incomensuravelmente em Deus. A beleza de uma flor, por exemplo, é um reflexo minúsculo da Beleza sem limites de Deus, assim como um fugaz raio de lua é um pálido reflexo da cegante luz solar.

Em todas as suas obras Deus mostra sua benevolência, bondade, graça, amor, mas também sua confiabilidade, constância, fidelidade» (n. 214).

As perfeições de Deus são da mesma substância de Deus. Se quiséssemos expressar-nos com perfeita exatidão, não diríamos que “Deus é bom”, mas sim que “Deus é a Bondade”. Deus, falando com propriedade, não é sábio: é a Sabedoria.

Não podemos entreter-nos aqui a expor todas as maravilhosas perfeições divinas, mas, ao menos, daremos uma olhada em algumas. Já tratamos de uma das perfeições de Deus: a sua eternidade. Homens e anjos podem ser qualificados de “eternos”, já que nunca morrerão, mas tiveram princípio e estão sujeitos a mudanças. Só Deus é eterno em sentido absoluto; não somente não morrerá nunca, como também jamais houve um tempo em que não existisse. Ele será como sempre foi, sem mudança alguma.

Deus é, como dissemos, a *bondade infinita*. Não há limites à sua bondade, a tal ponto que ver a Deus será amá-lo com um amor irresistível. E essa bondade derrama-se continuamente sobre nós.

Alguém poderá perguntar: “Se Deus é tão bom, por que permite tantos sofrimentos e males no mundo? Por que deixa que haja crimes, doenças e misérias?” Escreveram-se bibliotecas inteiras sobre o problema do mal. e não se poderá pretender que tratemos aqui deste tema como merece. Não obstante, o que podemos é mencionar que o mal, tanto físico como moral, na medida em que afeta os seres humanos, veio ao mundo como consequência do pecado do homem. Deus, que deu ao homem o livre-arbítrio e pôs em marcha o seu plano para a humanidade, não anda interferindo continuamente para arrebatá-lhe esse dom da liberdade. Com esse

livre-arbítrio que Deus nos deu, temos que lavrar o nosso destino até o final - até a felicidade eterna, se a escolhermos como meta e se quisermos aceitar e utilizar o auxílio da graça divina -, mas livres até o fim.

O mal é ideia do homem, não de Deus. E se o inocente e o justo têm que sofrer a maldade dos maus, a sua recompensa no final será maior, os seus sofrimentos e lágrimas nada serão em comparação com a felicidade vindoura. E, enquanto não chega esse momento, Deus guarda sempre os que O guardam em seu coração.

A fé em Deus Pai Todo-Poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou sua Onipotência da maneira mais misteriosa no rebaixamento voluntário e na Ressurreição de seu Filho, pelos quais venceu o mal (n. 272).

A seguir, vem a realidade do infinito conhecimento, da onisciência de Deus. Todo o tempo, passado, presente e futuro; todas as coisas, as que são e as que poderiam ser; todo o conhecimento possível tudo isso é o que poderíamos chamar um único grande pensamento da mente divina. A mente de Deus contém todos os tempos e toda a criação, assim como o ventre materno contém toda a criança.

Deus sabe o que farei amanhã? Sim. E na próxima semana? Também. Mas isso não significa então que *terei* de fazê-lo? Se Deus sabe que na terça-feira irei de visita à casa da tia Beatriz, como posso não fazê-lo?

Esta aparente dificuldade, que um momento de reflexão nos resolverá, nasce de confundirmos Deus *conhecedor* com Deus *causador*. Que Deus *saiba* que irei ver a minha tia Beatriz não é a causa que me faz ir. Pelo contrário, é a minha decisão de ir à casa da tia que permite que Deus o saiba. Mesmo que o meteorologista, estudando os seus mapas, saiba que choverá amanhã, isso não é a causa da chuva. É ao contrário: aquilo mesmo que fará chover amanhã é o que proporciona ao meteorologista a base para saber que amanhã choverá.

Para sermos teologicamente exatos, convém dizer aqui que, falando *em termos absolutos*, Deus é a causa de tudo o que acontece. Deus é por natureza a Primeira Causa. Isto quer dizer que nada existe nem nada acontece que não tenha a sua origem no poder infinito de Deus. No entanto, não há necessidade de entrar aqui na questão filosófica da causalidade. Para o nosso propósito, basta saber que a presciência divina não me obriga a fazer o que eu livremente decido fazer.

Outra perfeição de Deus é que não há limites à sua presença; dizemos dEle que é *onipresente*. Está sempre em toda a parte. E como poderia ser de outro modo, se não há lugares fora de Deus? Ele está neste escritório em que escrevo, está no quarto em que você me lê. Se algum dia uma astronave chegar a Marte ou a Vênus, o astronauta não estará só ao alcançar o planeta; Deus estará ali.

Note-se que a presença sem limites de Deus nada tem a ver com o tamanho. O tamanho é algo que pertence à matéria física. “Grande” e “pequenos” não têm sentido se aplicados a um espírito, e menos ainda a Deus. Não, não é que uma parte de Deus esteja num lugar e outra noutra. *Todo* o Deus está em *toda parte*. Tratando-se de Deus, espaço é palavra tão sem significado como tamanho.

Outra perfeição divina é o seu poder infinito. Deus pode fazer tudo: é *onipotente*. Mas pode fazer um círculo quadrado? Não, porque um círculo quadrado não é algo, é nada, é uma contradição nos seus próprios termos, como dizer “luz do dia noturna”. Deus pode pecar? Não, de novo, porque o pecado é nada, é uma falha na obediência devida a Deus. Enfim, Deus pode fazer tudo menos o que é não ser, nada.

Deus é também infinitamente sábio. Foi Ele quem fez tudo, de tal modo que, evidentemente, sabe qual é a melhor maneira de usar as coisas que fez, qual é o melhor plano para as suas criaturas. Alguém que se queixe: “Por que Deus faz isto?”, ou “por que Deus não faz isto e aquilo?”, deveria lembrar-se de que uma formiga tem mais direito a criticar Einstein do que o homem, na sua limitada inteligência, a pôr em dúvida a infinita sabedoria de Deus.

Não é preciso ressaltar a *infinita santidade* de Deus. A beleza espiritual dAquele em quem tem origem toda a santidade humana é evidente. Sabemos que a própria santidade sem mancha de Santa Maria, ante o esplendor radiante de Deus, seria como a chama de um fósforo comparada com o fulgor do sol.

E Deus é *todo misericórdia*. Perdoa tantas vezes quantas nos arrependemos. Há um limite para a minha paciência e para a daquele outro, mas não para a infinita misericórdia de Deus. Mas Ele é também infinitamente justo. Deus não é uma vovozinha indulgente que fecha os olhos aos nossos pecados. Se nos recusarmos a amá-IO - e para amá-lo é que existimos -, embora Ele nos queira no céu, a sua misericórdia não anulará a sua justiça.

É tudo isto e mais o que queremos significar quando dizemos: “Deus é um espírito infinitamente perfeito”.